

JOÃO CORRÊA-CARDOSO
MARIA DO CÉU FIALHO
(Coordenadores)

A LINGUAGEM NA PÓLIS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



**(RE)CONSTRUIR A PALAVRA DO *OUTRO*:
TEMPOS E RELAÇÕES DE TEMPO
NO *DISCURSO INDIRETO***

Ana Paula Loureiro
Universidade de Coimbra
aploureiro1@gmail.com

Resumo: Em português, tal como em muitas outras línguas, a transposição temporal (*backshift / sequence of tenses / consecutio temporum / transposition / retrogradation*) não é obrigatória no Discurso Indireto. No contexto de um verbo introdutor no Pretérito Perfeito Simples - tipicamente, *Disse (Disse que...)* -, o verbo da subordinada pode sofrer a transposição para o passado ou manter a forma original. Neste estudo, propomo-nos fazer a síntese (i) das *condições temporais* para a ocorrência de um “discurso dentro do discurso”, (ii) das relações de *tempos* e de tempo no Discurso Indireto e (iii) das *condições temporais* para a (não-)transposição.

Palavras chave: discurso indireto; (não) transposição temporal; sistemas verbais; relações temporais.

Abstract: In Portuguese (as in many other languages), backshift (*sequence of tenses / consecutio temporum / transposition / retrogradation*) is not mandatory in Indirect Speech. In a matrix past tense verb context (as for, *disse, disse que...*, Pretérito Perfeito Simples, PPS, “X said (that)...”), the embedded verb can both backshift into the past or maintain the “corresponding” original speech form. This paper attempts to provide a synthesis of (i) the *temporal conditions* for reporting speech, (ii) tense sequences

and temporal relations in Indirect Speech and (iii) the *temporal conditions* for (non-)backshift in Indirect Speech.

Keywords: indirect speech; (non)backshift; tense systems; temporal relations.

Apresentação

Este texto¹ pretende ser um pequeno contributo para o estudo dos mecanismos linguísticos ativados na construção do fenómeno a que chamaremos *discurso citado* (“discurso dentro do discurso”, *cita, discurso reproduzido, reported Speech, discours rapporté*). A complexidade e interesse do fenómeno (Janssen / Wurff, 1996, falam de «**an important and interesting phenomenon**»)² pode comprovar-se pelos inúmeros estudos que sobre o assunto, sob diversas perspetivas e sobre diferentes línguas se têm publicado.³

Trataremos em particular os mecanismos temporais verbais (*tempos verbais* e suas relações na frase),⁴ relacionados com a (re) construção das relações de tempo neste tipo de discurso, nomeadamente as relações que a *situação* expressa no segmento textual *citado (discurso reproduzido)* estabelece com os dois atos enunciativos envolvidos no fenómeno (o *ato enunciativo citador* e o *ato enunciativo citado*). Em concreto, propomo-nos identificar (i) em primeiro lugar, as *condições temporais (temporais verbais) mínimas* para a identificação do fenómeno do “discurso dentro do discurso”,

¹ O presente texto beneficiou, num momento importante da sua elaboração, da leitura e comentários da Prof.^a Doutora Ana Cristina M. Lopes. Fica aqui o devido agradecimento.

² Janssen / Wurff (1996: 1).

³ Cf., por exemplo, as recolhas de estudos em Janssen / Wurff (1996) e em Güldemann / Roncador (2002).

⁴ A (re)construção dos esquemas de referência temporal apresenta regras diferentes para os diferentes sistemas gramaticais, nomeadamente o sistema temporal verbal e o sistema temporal adverbial. Centraremos as nossas observações apenas no sistema de tempos verbais.

e (ii) os esquemas temporais possíveis no subtipo de estrutura discursiva DI (*discurso indireto*) e sua expressão temporal verbal (TV). Consideraremos apenas contextos de modo indicativo, com o verbo introdutor de discurso *dizer*, no Pretérito Perfeito, num esquema típico que representamos na fórmula que se segue:

Ele *disse* que... [TV?]

Tomaremos como referência a *regra de sequência de tempos em DI* enunciada em Comrie (1986: 284-285): «if the tense of the verb of reporting is past, then the tense of the original utterance is backshifted into the past, except that if the content of the indirect speech has continuing applicability, the backshifting is optional.». Interessamo-nos, a este propósito, observar as alternativas disponíveis para a reprodução e reconstrução das relações de tempo e de *tempos*, como as que observamos no conjunto de exemplos que se segue:

Discurso original: *Eu vivo em Baião.*

Discurso citado DI: (1) *Ele disse que vivia em Baião.*

(2) *Ele disse que vive em Baião.*

1. Discurso citado (DC): para uma definição e caracterização geral do fenómeno. *Discurso direto e discurso indireto*

Escolhemos para termo genérico (*umbrella term*) a expressão *discurso citado*, que entenderemos aqui como sinónima de *cita* (Reyes, 1993 e 1994), *discurso reproduzido* (Bosque / Demonte, 1999), *reported Speech* (Janssen / Wurff, 1996), *discours rapporté* (Grevisse, 1988).

1.1. Podemos definir *discurso citado* como a reprodução/representação,⁵ **no** discurso de um *Enunciador1*, **do** discurso de um *Enunciador2*. É o “discurso dentro do discurso”. É, dito de outro modo, a *representação, no discurso, de um objeto da mesma natureza: outro discurso* («La cita es una representación lingüística de un objeto también lingüístico: otro texto.» (Reyes, 1994: 9).

O discurso citado é, assim, antes de mais, um fenómeno do plano enunciativo. E é, desse ponto de vista, uma estrutura em *duplicado* (cf. as *duplex structures* de Jakobson, *apud* Janssen / Wurff, 1996: 1) com características particulares.

Numa sequência que classificamos como *discurso citado*, devemos, em primeiro lugar, poder identificar um determinado conjunto duplicado de realidades, a saber, (i) dois atos enunciativos, isto é, duas *situações comunicativas* distintas,⁶ *Enunciação1* e *Enunciação2*, (ii) os respetivos enunciadores (tipicamente diferentes), *Enunciador1* e *Enunciador2*,⁷ e (iii) os conteúdos por eles enunciados (*Enunciado1* e *Enunciado2*).

Em segundo lugar, e ainda do ponto de vista enunciativo, caracteriza esta estrutura em duplicado o facto de a situação comunicativa 2 (*Enunciador2*, *Enunciação2* e *Enunciado2*) ser parte integrante dos conteúdos enunciados pelo *Enunciador1* (“discurso dentro do discurso”). A imagem do jogo das *caixas chinesas* ou *das bonecas russas* serve frequentemente para ilustrar a dinâmica do fenómeno (cf., por exemplo, Bosque / Demonte 1999: 3555).

⁵ O termo “representação” apresenta, a nosso ver, vantagens quando se trata de estudar o *discurso citado* no universo do texto literário, nomeadamente quando um dos enunciadores envolvidos é o narrador. O termo “reprodução” tem, no entanto, um sentido mais preciso, que aqui será útil.

⁶ Recuperamos para este conceito genérico (“situação de comunicação”) a definição de *situación de enunciación* dada em Bosque / Demonte (1999: 3555, nota de rodapé n.º 9): «el acto en el que un hablante se dirige a uno o varios destinatarios y emite un enunciado en un momento y lugar determinados.»

⁷ Landeweerd / Vet (1996: 141) distinguem *external speaker* (“reporter”) e *internal speaker* (“quoted person”).

A este nível, importa retomar a distinção feita em Bosque / Demonte (1999: 3556) entre *discurso referido* e *discurso reproduzido*: o primeiro limita-se a *descrever uma ação realizada verbalmente*, ao passo que o segundo tem por função *reproduzir a situação de enunciação*. Os dois processos estão presentes no *discurso citado*. Talvez fosse interessante considerar aqui a necessidade da introdução de um terceiro conceito, a “*representação*”, que nos permitiria distinguir, (i) por um lado, e globalmente, todo o processo de *representação* da “cena enunciativa”, e, (ii) por outro, parcelarmente, (iiA) quer a simples *referência* à respetiva ação enunciativa, centrada num verbo *dicendi*, (iiB) quer especificamente a *reprodução* do objeto discursivo dela resultante.

Para efeitos de análise, utilizaremos aqui os conceitos de *referência* (*discurso referido*) e *reprodução* (*discurso reproduzido*), entendidos nos sentidos que acabámos de enunciar, e organizados concretamente da seguinte forma: por um lado, e normalmente em primeiro lugar na ordem linear discursiva (textual ou frásica), a simples *referência* à ação enunciativa e ao seu sujeito, através de um verbo *dicendi* (*Ele disse...*), com possibilidade de referência complementar a outras coordenadas da situação comunicativa (como em: *Ele disse-lhe...*); por outro lado, e tipicamente em sequência imediata, a *reprodução* dos conteúdos nela/por ele verbalizados (ex.: [*Ele disse:*] «Tomei conhecimento do sucedido e entendo-te perfeitamente. Continuarei a apoiar-te!»/ [*Ele disse que*] *tinha tomado conhecimento do sucedido, que a entendia perfeitamente e que continuaria a apoiá-la.*). A referência ao ato discursivo, na forma de um verbo *dicendi*, tem, muitas vezes, uma função *introdutora*, funcionando, assim, tipicamente como estrutura de apresentação de discurso.

Neste estudo, consideraremos apenas as situações que implicam a reprodução do discurso *dito*. Não teremos, assim, em conta as situações, muito variadas, que envolvem a reprodução de outro

tipo de conteúdos, nomeadamente a verbalização de pensamentos (*reported thought*) ou percepções (*reported perception*).⁸

Não consideraremos aqui também a possibilidade de reprodução de segmentos menores do que a frase (expressões, formulações, etc.).

Em Bosque / Demonte (1999: 3555-3557), resumem-se da seguinte forma as três principais condições para o reconhecimento, num dado segmento discursivo, de uma situação de *discurso dentro do discurso*:

- 1.^a condição: Dada uma situação de enunciação *E*, o objeto de *E* tem de ser outra situação de enunciação *E1*.
- 2.^a condição: O objeto de discurso de *E* deve incluir o objeto de discurso de *E1*.
- 3.^a condição: O verbo introdutor de discurso não pode ter um valor *realizativo*.

1.2. Partindo destas propriedades básicas, universais, que caracterizam e definem o discurso citado, são diversos os mecanismos disponibilizados e utilizados nas diferentes línguas para a construção deste tipo de estruturas, nomeadamente ao nível da conexão sintática entre os dois discursos e da (re)construção das referências deícticas no discurso reproduzido.

⁸ Cf. Janssen / Wurff (1996: 4) e Comrie (1986: 267).

Distinguem-se, a este respeito, habitualmente três variedades (*tipos / estilos / mecanismos*) de discurso citado: o discurso direto (DD),⁹ o discurso indireto (DI) e o discurso indireto livre (DIL).^{10,11}

Estão em causa segmentos discursivos como os que se seguem:

Ele disse: «Tomei conhecimento do sucedido e entendo-te perfeitamente. Continuarei a apoiar-te!»

Ele disse que tinha tomado conhecimento do sucedido, que a entendia perfeitamente e que continuaria a apoiá-la.

[Ele disse:] Tinha tomado conhecimento do sucedido, entendia-a perfeitamente e continuaria a apoiá-la!

Para efeitos de análise, consideraremos aqui apenas a oposição básica entre discurso direto (DD) e discurso indireto (DI).

⁹ Parece haver, por vezes, alguma confusão entre o *discurso direto* (que corresponde a um subtipo de discurso citado: “discurso citado em estilo direto”) e o “discurso em direto” (“words in action”), que já não faz parte do domínio do discurso citado.

¹⁰ Não é consensual o enquadramento do discurso indireto livre (DIL) no conjunto dos procedimentos de citação. Alguns autores consideram-no um *estilo híbrido*, combinando características de DD e de DI, nomeadamente ao nível da estrutura sintática (DD) e da (re)construção das referências deícticas (DI): «free indirect style is a sort of intermediary form between direct and indirect speech, because it on the one hand deals with the means of expression and non-subordination of direct speech, while on the other hand tenses and pronouns are shifted, just like in indirect speech» (Vetters, 1994: 179). Para outros autores, no entanto, o DIL deve ser considerado um estilo com características próprias (o 3.º estilo, tal como o apresentamos aqui), quer a nível sintático (ao contrário do DD, o segmento de discurso reproduzido não pode funcionar como complemento direto do verbo introdutor: cf. Vetters, 1994: 180: «free indirect style cannot be the direct object of a reporting verb»), quer a nível das referências deícticas (parece estar-lhe vedada a opção de reconstrução das referências deícticas a partir do subsistema temporal verbal absoluto, ao contrário do que acontece em DI), quer a nível geral dos mecanismos para a sua identificação e delimitação textuais (ao contrário do DD e do DI, no discurso citado em estilo indireto livre é típica a ausência de estrutura introdutora). Outros ainda veem-no simplesmente, e de forma redutora, como resultado de uma transformação do DI (e neste caso ficam por explicar as “marcas da oralidade” que lhe são características) (cf. também Vetters, 1994).

¹¹ Para além destes três mecanismos, têm sido identificados e descritos muitos outros. Vejam-se, por exemplo, a este propósito, os trabalhos de Reyes (1994) e de Maldonado (1991).

Distinguem-se estes dois formatos de citação essencialmente nos seguintes três aspetos, intimamente relacionados:

(i) forma, localização e *estatuto* do *discurso referido* (que, simplificada, passaremos também a referir através da sua estrutura nuclear – o verbo *dicendi*) e formato de conexão sintática com o *discurso reproduzido*;

(ii) subsistema(s) de referenciação déctica, nomeadamente temporal verbal, ativado(s) na (re)construção dos conteúdos do *discurso reproduzido*;

(iii) grau de “fidelidade” do *discurso reproduzido* relativamente ao “discurso original”.

1.2.1 *Justaposição* vs. hipotaxe

Relativamente ao primeiro aspeto, distinguem-se habitualmente três ordens de opções: (1.º) referência explícita e próxima (através de um verbo *dicendi*) ou implícita (apoiada em informações contextuais mais ou menos dispersas) à ação discursiva do Enunciador²; (2.º) localização do verbo *dicendi* relativamente ao segmento reproduzido, ora em posição anterior (funcionando como introdutor de discurso), ora em posição média, ora ainda em posição final; e (3.º) relação de *justaposição* ou de subordinação (hipotaxe) entre os dois discursos alinhados.

No **DI**, o verbo *dicendi*, que assume a função de verbo introdutor, está sempre presente no discurso e aparece explicitado num segmento imediatamente anterior ao texto reproduzido. Entre os dois segmentos textuais (o *referido* e o *reproduzido*) estabelece-se uma relação de subordinação, através da conjunção QUE: o discurso *reproduzido* fica, assim, sintaticamente dependente do discurso *referido*, assumindo (com exclusividade) a função de CD da estrutura superior.

Ele disse que tinha tomado conhecimento do sucedido, que a entendia perfeitamente e que continuaria a apoiá-la.

O segmento *que tinha tomado conhecimento do sucedido, que a entendia perfeitamente e que continuaria a apoiá-la* representa na frase o complemento direto de *dizer*, como se comprova pelo teste da pronominalização: *Ele disse-o / Ele disse isso*. Neste contexto, o espaço de complemento direto não admite outro preenchimento, como seria o caso (anómalo) em:

(i) **Ele disse a verdade que tinha tomado conhecimento do sucedido, que a entendia perfeitamente e que continuaria a apoiá-la.*

No **DD**, o discurso *referido* está também normalmente presente no texto e ocorre também habitualmente em posição anterior ao discurso *reproduzido*, assumindo, deste modo, a função de estrutura introdutora de discurso. A relação entre os dois segmentos não se faz, no entanto, através de nenhum conector, mas simplesmente através de sinais de pontuação ou sinais auxiliares de escrita (as sequências “dois pontos, parágrafo, travessão” ou “dois pontos, abre aspas” são, a este propósito, instruções conhecidas).

(i) Ele disse: «Tomei conhecimento do sucedido e entendo-te perfeitamente. Continuarei a apoiar-te!»

(i) Ele disse:

- Tomei conhecimento do sucedido e entendo-te perfeitamente. Continuarei a apoiar-te!

Aparentemente mais simples, este procedimento tem-se prestado a diferentes propostas de descrição sintática, relacionadas com o nível hierárquico de integração do segmento discursivo reproduzido (cf. Bosque / Demonte, 1999: 3565-3571). Assim, alguns autores

referem-se a esta relação como uma simples relação de *adjacência discursiva* ou *justaposição*.¹² Outros, pelo contrário, consideram o discurso reproduzido parte integrante do discurso anterior, ora relacionando-o diretamente com o núcleo do segmento anterior (o verbo introdutor), atribuindo-lhe o estatuto de complemento direto, ora classificando-o como aposto do complemento direto do verbo introdutor, como seria o caso em:

(i) *Ele disse a verdade: «Tomei conhecimento do sucedido e entendo-te perfeitamente. Continuarei a apoiar-te!»*.¹³

O verbo *dicendi* pode, no entanto, neste tipo de DC, não ocupar a posição inicial da sequência. Outras posições são possíveis, nomeadamente a posição média (intercalada no segmento de discurso reproduzido) e a posição final. Pode ainda verificar-se a ausência total de um verbo *dicendi*, ficando a identificação quer do fenómeno quer especificamente da ação discursiva reservada para as marcas e informações contextuais. Estas variações são, aliás, habituais, nomeadamente quando se reproduzem sequências dialogais.

1.2.2 *Leitura de dicto vs. leitura de re*

Relativamente ao segundo critério – (re)construção das referências deíticas –, a diferença centra-se fundamentalmente na localização do *centro deítico (deictic centre)*¹⁴: «[...] direct speech can be distinguished from indirect speech in that in the former the deixis of the original speaker is retained, whereas in the latter at least some of

¹² «La sintaxis de DD queda [...] definida por la yuxtaposición de la expresión introductora y de la cita directa, yuxtaposición que se entiende como un procedimiento de adyacencia discursiva entre la expresión introductora y la cita directa.» (Bosque / Demonte, 1999: 3571).

¹³ Para um resumo e enquadramento das diferentes teorias ver Bosque / Demonte (1999: 3565-3571).

¹⁴ Comrie (1986).

the deictics are shifted to the reporter's perspective.» (Comrie, 1986: 266). Assim, ao passo que no DD as expressões com referência deíctica mantêm a sua forma original, no DI essas mesmas expressões sofrem *tipicamente* um processo de *transposição*.¹⁵

1.2.2.1 Tempos absolutos e tempos relativos

Focando especificamente a (re)construção das referências temporais verbais, observamos que o *discurso reproduzido* em DD apresenta um sistema autónomo, que “parte do 0 (zero)”, e que, pelo contrário, o *discurso reproduzido* em DI referencia temporalmente os seus conteúdos a partir de marcos temporais internos ao texto em que se insere, dando-lhes continuidade. Dito de outro modo, e assumindo a perspetiva do citador (*external speaker*) – na sua relação com os conteúdos enunciados pelo enunciador citado (*internal speaker*) –, podemos optar ora por uma construção/leitura *de dicto* (*opaca*), sem interferência do citador (é o caso no DD), ora por uma construção/leitura *de re* (*transparente*), com ativação (também) do ponto de vista deste enunciador (DI).

Em português, tal como em muitas outras línguas, é comum identificarmos esta oposição com a subdivisão do sistema verbal em dois subsistemas de tempos: o subsistema temporal verbal absoluto (usado no DD) e o subsistema temporal verbal relativo (usado no DI). Assim, em português, tal como em muitas outras línguas¹⁶, o sistema de tempos disponível para o DI é diferente do sistema de tempos disponível para o DD. O paralelismo entre os dois é quase “perfeito” e assenta na duplicação das informações nucleares de

¹⁵ Para uma revisão crítica e sistematizada desta questão pode ver-se, entre outros, Duarte (2003).

¹⁶ Esta oposição não é universal. Outros esquemas são possíveis. De acordo com Brecht (1974), em russo, por exemplo, «the verb in the embedded sentence is put into the same tense that would occur in the corresponding Direct Speech report.» (Brecht, 1974: 495).

“anterioridade” “simultaneidade e “posterioridade”,¹⁷ a partir de variação do ponto de referência.

Esse paralelismo pode ver-se, simplificadaamente, na tabela que se segue:

Tabela da correspondência de tempos¹⁸

	Subsistema_DD	Subsistema_DI(L)
“simultaneidade”	PR (Presente)	IMP (Pret Imp)
“anterioridade”	PRET (Pret Perf)	MQP (Pret MQPerf)
“posterioridade”	FUT (Futuro)	CONDI (Condicional)

Retomamos os exemplos:

Discurso original: **Tomei** conhecimento do sucedido e **entendo-te** perfeitamente. **Continuarei** a apoiar-te!

DD: Ele disse: **Tomei** conhecimento do sucedido e **entendo-te** perfeitamente. **Continuarei** a apoiar-te!

DI: Ele disse que **tinha tomado** conhecimento do sucedido, que **a entendia** perfeitamente e que **continuará** a apoiá-la.

¹⁷ A classificação e organização dos *tempos* no sistema verbal do português assenta basicamente na expressão do sentido de orientação do evento descrito no verbo: «Portuguese has different tenses marked morphologically in the verbal inflection, depending on anteriority, simultaneity or posteriority of the eventuality under consideration.» (Oliveira / Lopes, 1995: 95). Para uma visão global da *expressão do tempo em português*, ver Peres (1993).

¹⁸ Consideramos aqui apenas as relações temporais de “primeiro nível”, isto é, as relações cujo sentido de orientação se ancora diretamente no ponto de referência constituído pelo momento da fala do Enunciador responsável pela enunciação. Consideramos também apenas os usos típicos dos tempos verbais em causa. O paralelismo entre PR e IMP, por exemplo, fica evidenciado em múltiplas sequências dialogais em que a alternância de *turno* é acompanhada por uma mudança de estilo de citação. Veja-se, por exemplo, a seguinte passagem da obra *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós: - *Então donde vem? Donde vem? Vinha do Price. Rira muito com os palhaços.* [...] (p. 48: linhas 17-19, edição «Livros do Brasil» Lisboa). Para outros exemplos da mesma obra e descrição exaustiva deste paralelismo pode ver-se Loureiro (1997).

1.2.3 Fidelidade ao texto original

A questão da “fidelidade” do segmento discursivo reproduzido ao seu “original” apresenta conexões inegáveis com as questões de ordem sintática e semântico-referencial enunciadas. E é neste sentido, mais formal, que aqui a entendemos. É, assim, comum atribuímos a mecanismos em que o discurso *reproduzido* goza de maior autonomia sintática e semântico-referencial (nomeadamente, deíctica) um maior grau de fidelidade. Pelo contrário, em estruturas de reprodução sintática e semântico-referencial dependentes do texto citador, é condição mínima e suficiente para o reconhecimento do processo que se respeitem os conteúdos (cf. “exact words” vs. “information”).¹⁹

2. Tempos e relações de tempo(s) no DC. Para uma caracterização temporal (temporal verbal) do fenómeno: “pontos” e relações.²⁰

Retomemos a questão específica da (re)construção das relações de tempo no discurso reproduzido. Esta é, porventura, uma das questões mais complexas e mais intrigantes no conjunto dos mecanismos disponíveis para a construção do DC. Assumem particular importância e interesse, a este respeito, as relações temporais (temporais verbais) que a situação descrita no segmento de discurso reproduzido estabelece (ou *pode estabelecer*) com os dois pontos da

¹⁹ «in direct speech the reporter is committed to repeating the exact words of the original speaker (or an accurate translation thereof into another language), whereas in indirect speech all that need be communicated is the information contained in the original speaker’s utterance.» (Comrie, 1986: 266).

²⁰ A proposta pioneira de Reichenbach (1947) é referência obrigatória na abordagem do modo como as línguas constroem e formalizam os esquemas de localização temporal. Para uma aplicação prática dos seus conceitos operatórios ao sistema verbal do português, começar por ver, por exemplo, Mateus et alii (2003: 130-132).

fala envolvidos na construção deste tipo de discurso (o ponto da fala do enunciador citador e o ponto da fala do enunciador citado).

Nos parágrafos que se seguem, propomo-nos contribuir especificamente para o estudo da expressão destas relações no subtipo de DC a que chamamos *discurso indireto* (DI), respondendo especificamente às seguintes questões:

- 1.º expressão temporal verbal da relação entre a situação descrita no segmento de discurso *reproduzido* e o ponto da fala do discurso citado (*internal speaker*);
- 2.º (im)possibilidade de expressão da relação desta mesma situação com o ponto da fala do discurso citador (*external speaker*);
- 3.º forma da expressão temporal verbal desta última relação, quando possível.

Nesse sentido, começaremos por fixar globalmente algumas das *condições* temporais (verbais) para a construção do discurso citado.

Identificaremos, de seguida, especificamente, os principais esquemas temporais possíveis (relações temporais e tempos verbais) no discurso citado em DI. Abordaremos apenas as situações que envolvem combinações entre, de um lado, o verbo *dicendi dizer* no Pretérito Perfeito e, do outro, um discurso reproduzido com o verbo num dos tempos do modo indicativo que expressam as relações básicas de “anterioridade”, “simultaneidade” e “posterioridade” (cf. *supra Tabela de correspondência de tempos*).

2.1. Condições temporais (enunciativo-temporais) para a ocorrência do “discurso dentro do discurso”

Retomemos as duas propriedades enunciativas básicas inerentes a uma qualquer situação de discurso citado:

1.º Dada uma situação de “discurso dentro de discurso”, é sempre possível identificar (i) dois atos enunciativos, isto é, duas situações comunicativas distintas (*Enunciação1* e *Enunciação2*), (ii) (tipicamente) dois enunciadores diferentes (*Enunciador1* e *Enunciador2*) e (iii) dois conteúdos enunciados distintos (*Enunciado1* e *Enunciado2*);

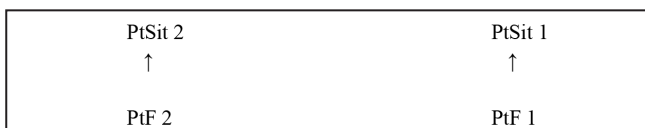
2.º Dadas as características particulares deste tipo de estrutura (“discurso dentro do discurso”), os dois atos enunciativos encontram-se ligados pelo *objeto da enunciação 1* e pelo *ato da enunciação 2*, isto é, o *ato da enunciação 2* é o *objeto de referência da enunciação 1*.

Partindo destas propriedades, enunciaremos as sete principais condições temporais para a ocorrência de uma sequência em DC.

Condição temporal 1

No conjunto de realidades enunciado, devemos poder identificar teoricamente 4 tempos ou *pontos*, correspondendo aos quatro “acontecimentos” envolvidos: em primeiro lugar, os **dois tempos dos dois atos enunciativos** envolvidos – o tempo (“momento”) do ato enunciativo citador (chamar-lhe-emos *ponto da fala 1* – PtF1) e o tempo (“momento”) do ato enunciativo citado (chamar-lhe-emos *ponto da fala 2* – PtF2); em segundo lugar, os (também) **dois tempos das duas situações neles descritas** – o tempo da situação descrita no ato enunciativo citador (*ponto da situação 1* - PtSit1) e o tempo da situação descrita no ato enunciativo citado (*ponto da situação 2* - PtSit2).

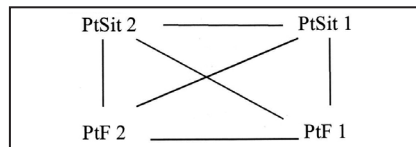
Esquema 1



Condição temporal 2

As duas situações estão relacionadas temporalmente, pelo que, teoricamente, devemos poder estabelecer relações temporais entre todos estes pontos. Assim, para além das relações primárias entre cada uma das *situações* descritas e os respetivos pontos de referência (que aqui, para efeitos de análise, coincidem com os pontos da fala) - respetivamente, de um lado, PtSit1 e PtF1 e, do outro, PTSit2 e PtF2 -, é possível relacionar diretamente também os dois PtF (PtF1 e PtF2) e os dois PtSit (PtSit1 e PtSit2). Devemos poder estabelecer ainda, pelo menos teoricamente, relações temporais (“cruzadas”) entre, por um lado, PtF2 e PtSit1 e, por outro, PtF1 e PtSit2.

Esquema 2



No seu conjunto, ficam teoricamente contempladas seis relações temporais:

- (1) PtF1 e PtSit1
- (2) PtF2 e PtSit2
- (3) PtF1 e PtF2
- (4) PtSit1 e PtSit2
- (5) PtF2 e PtSit1
- (6) PtF1 e PtSit2

Condição temporal 3

Dadas as características particulares deste tipo de estrutura (trata-se de um “discurso dentro do discurso”), o *tempo do dito1* é o *tempo do dizer2*, isto é, o objeto da enunciação1 (PtSit1) e o ato da enunciação 2 (PtF2) são uma e a mesma realidade. É neste ponto

que os dois discursos se ligam. Devemos, assim, reformular a alínea (5) da lista de relações de tempo enunciada na Condição anterior:

PtF2 = PtSit1.

Em consequência, há coincidência entre as relações (1) e (3) e as relações (2) e (4):

(1) = (3): [PtF1 e PtSit1] = [PtF1 e PtF2]

(2) = (4): [PtF2 e PtSit2] = [PtSit1 e PtSit2]

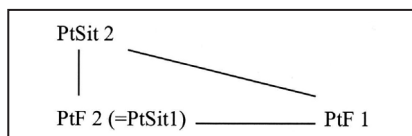
O sistema de “quatro pontos” e “seis relações” é, na realidade, um sistema de 3 pontos e três ordens de relações,²¹ assim representados:

(1) PtF1 e PtF2

(2) PtF2 e PtSit2

(3) PtF1 e PtSit2

Esquema 3



Considerando agora estas três relações, podemos enunciar um segundo grupo de condições para a ocorrência de uma situação de DC.

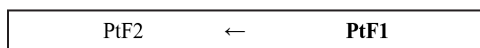
Condição temporal 4 (PtF1 ↔ PtF2)

Dada uma situação de DC, será sempre expressa uma relação de tempo entre o **ato enunciativo citador** (PtF1) e o **ato enunciativo citado** (PtF2). Esta relação é tipicamente uma relação de “anterio-

²¹ A estes três pontos correspondem tipicamente apenas duas verbalizações, correspondentes a dois segmentos textuais, a saber, a estrutura frásica que representa o momento da enunciação 2 e a estrutura frásica que representa a situação 2.

ridade” (*ant*), orientada a partir do ato enunciativo citador: **PtF2 ant PtF1** (PtF2 é anterior a PtF1). Outras orientações são possíveis (nomeadamente, e considerando apenas as básicas, a “simultaneidade” e a “posterioridade”), mas tomaremos aqui como referência este cenário, típico, de reprodução de um ato discursivo anterior (*Ele disse...*).

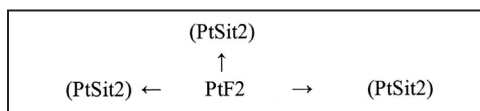
Esquema 4



Condição temporal 5 (PtF2 ↔ PtSit2).

Dada uma situação de DC, será sempre expressa uma relação de tempo entre a **situação descrita no texto citado** (PtSit2) e o **ato enunciativo citado** (PtF2). Esta relação é variável e é orientada a partir do ato enunciativo: o PtSit2 pode ser “anterior”, “simultâneo” ou “posterior” a PtF2 (**PtSit2 ant/simul/post PtF2**). Esta relação é, assim, independente do subsistema temporal verbal que a formaliza (absoluto ou relativo).

Esquema 5



Podemos traduzir esta condição numa regra, provisoriamente designada e formulada da seguinte forma:

Regra da “estabilidade” do ponto de referência. A relação temporal (orientação “anterior”, “posterior” ou “simultânea”) expressa pelo tempo verbal de PtSit2 será sempre verdadeira para o ponto da fala do discurso original (PtF2). Assim, se o TV de PtSit2 expressa,

por exemplo, um sentido de “anterioridade”, isso significará sempre que o evento é, pelo menos, anterior a PtF2.

Condição temporal 6 (PtSit2 ↔ PtF1).

Dada uma situação de DC, nem sempre é possível expressar a relação de tempo entre a **situação descrita no texto citado** (PtSit2) e o **ato enunciativo citador** (PtF1).

Condição temporal 7 (PtSit2 ↔ PtF2+PtF1).

Dada uma situação de DC, não é possível configurar o PtSit2 unicamente a partir do PtF1.²² A propósito, cremos ser possível estender ao português e aos outros formatos de DC a seguinte observação de Comrie (1986: 286) para o inglês e para o discurso indireto, a propósito de exemplos como *Yesterday, Henrietta said, 'I will be absent tomorrow'* // *Yesterday, Henrietta said that she would be absent today* // **Yesterday Henrietta said that she is absent today*: «absolute deixis is inadequate as an account of tense in indirect speech in English».

3. Esquemas de tempo(s) no DI

Partindo destas condições temporais básicas para a construção do “discurso dentro do discurso”, em particular das variações previstas

²² Esta limitação não é extensível a outros mecanismos temporais, nomeadamente adverbiais, como pode ver-se, por exemplo, numa frase como *Ele disse que estaria cá hoje*. Ao contrário do que acontece com a expressão temporal verbal (Condicional: *estaria*) da localização do evento descrito no discurso reproduzido, que deverá sempre respeitar e manter a orientação (aqui “posterior”) original («*Estarei aí amanhã*»), a expressão temporal adverbial admite orientações apenas verdadeiras para o PtF1 (a relação de tempo expressa pelo advérbio *hoje* tem como ponto de referência o tempo da fala do citador). Cf. Comrie (1986: 274-275): «absolute deictic expressions (other than tense) in reported speech retain their nature as absolute deictic expressions, with the here-and-now as their deictic center, this here-and-now being of course the here-and-now of the report.».

nos textos das Condições 6 e 7, propomo-nos agora identificar os esquemas possíveis no subtipo de DC classificado como *discurso indireto*.

O DI distingue-se do DD, antes de mais, ao nível das possibilidades de expressão temporal verbal (TV) do tempo do evento descrito no discurso reproduzido. Assim, e de acordo com a regra de sequência de tempos enunciada em Comrie (1986), o discurso citado em DI apresenta, ao contrário do que acontece em DD (que mantém obrigatoriamente os tempos do discurso original), duas possibilidades de configuração temporal verbal de PtSit2, para um PtF2 com verbo *dicendi* no passado (Pretérito Perfeito): (i) ora a transposição para o passado, com recurso ao subsistema temporal verbal relativo; (ii) ora a manutenção do sistema de tempos do discurso original (com base no subsistema temporal verbal absoluto).

Retomemos um exemplo:

Eu vivo em Baião.

e as respetivas representações possíveis em DI:

Ele disse que vivia em Baião.

Ele disse que vive em Baião.

De acordo com o enunciado na *Condição 5* (cf. *supra* 2.1), qualquer uma destas opções de reprodução do discurso original em DI tem de ser capaz de dar conta da relação entre o ponto do evento descrito (PtSit2) e o ponto que corresponde ao momento da sua enunciação original (PtF2). Para o exemplo em apreço, o estado ‘viver em Baião’, em qualquer uma das suas (re)formulações indiretas, será sempre interpretado como ocorrendo num tempo que é simultâneo ao PtF2.

Esta alternância (*Ele disse que vivia em Baião. / Ele disse que vive em Baião*), disponível em português e em muitas outras línguas, depende (i) da relação temporal entre o PtSit2 e o momento da fala do discurso citador (PtF1) e (ii) da possibilidade²³ de essa mesma relação ficar explícita no discurso.

Assim, e ainda de acordo com a regra de Comrie (1986) que aqui tomamos como referência (ver *supra*), se a relação de tempo que PtSit2 estabelece com PtF2 é também verdadeira para PtF1 (e é neste sentido que interpretamos o conceito de “*continuing applicability*”), o Enunciador 1 tem a possibilidade, no DI, de manter no discurso reproduzido o tempo do enunciado original. Em alternativa, pode optar pela sua transposição. Isto é, retomando o exemplo, se o evento descrito no discurso original, ‘viver em Baião’, é também simultâneo ao momento da fala do *external speaker* (*Ele vive em Baião*), há a possibilidade de, na situação de discurso citado em DI, manter o tempo verbal original (PR), que passa a assumir uma dupla relação de simultaneidade (em relação a [PtF2 + PtF1]). A alternativa, sempre disponível, de transposição temporal verbal (IMP) na expressão desse evento não anula esta possibilidade de interpretação, mas não a explicita (com a frase *Ele disse que vivia em Baião*, não fica, assim, assegurada essa dupla interpretação).

Pelo contrário, se a relação de localização (simultânea, anterior ou posterior) enunciada para PtSit2 no tempo verbal do discurso original é apenas verdadeira para PtF2, a transposição temporal verbal é obrigatória (*Ele disse que vivia em Baião*).

Em termos práticos, e cruzando esquemas temporais e respetivas configurações temporais verbais, resultam daqui três possibilidades teóricas para a (re)construção dos esquemas de tempo(s) no DI:

²³ Deveremos acrescentar neste ponto questões relacionadas com a própria “vontade” (ou “necessidade”) do *external speaker*, no sentido de tornar ou não explícita esta relação.

a) ora o PtSit2 mantém a expressão temporal verbal original (*absoluta* – o PR, no exemplo) e a orientação temporal (aqui, localização simultânea) é, em consequência, válida simultaneamente para PtF1 e PtF2.

Discurso original: «Eu vivo em Baião».

DI: Ele disse que vive em Baião.

Ele vive em Baião.

b) ora o PtSit2 reconstrói o esquema de relações temporais com base num ponto de referência no passado relativamente a PtF1 (*disse*), expressando as mesmas relações através do tempo verbal correspondente do subsistema temporal verbal relativo (IMP, no exemplo) e a orientação temporal (localização simultânea, no exemplo) é válida apenas para PtF2.

Discurso original: «Eu vivo em Baião».

DI: Ele disse que vivia em Baião.

c) ora ainda o PtSit2 reconstrói o esquema de relações temporais com base num ponto de referência no passado (*disse*), expressando as mesmas relações a partir do tempo verbal correspondente do subsistema temporal verbal relativo (IMP) e a orientação temporal (localização simultânea, no caso) é válida simultaneamente para PtF1 e PtF2.

Discurso original: «Eu vivo em Baião».

DI: Ele disse que vivia em Baião.

Ele vive em Baião.

Partindo destes dados, e procurando responder à questão inicialmente colocada neste texto relativamente à escolha do tempo verbal no discurso reproduzido em DI - *Ele disse que... [TV?]*.... –, passamos a exemplificar os principais esquemas temporais (temporais verbais) possíveis neste tipo de discurso, para as três relações

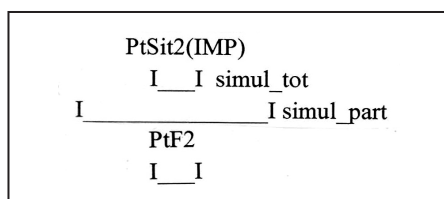
básicas de “anterioridade”, “simultaneidade” e “posterioridade” (numa situação típica de PtF2 no PRET) relativamente aos dois pontos da fala envolvidos (citador e citado). Contemplaremos apenas as formas de expressão simplificadas na *Tabela de correspondência de tempos* (ver *supra*).

3.1 PtF2 (PRET) e PtSit2 (IMP)

Este esquema sequencial de TV no DI configura tipicamente uma relação de simultaneidade entre a situação representada pelo discurso citado e o respetivo ato enunciativo - **PtSit2 (IMP) *simul* PtF2 (PRET)**.

Dependendo da estrutura temporal da situação descrita (*Aktionsart* e duração), a relação entre os dois pontos pode ser ora de simultaneidade total, coincidindo nos pontos inicial e final do processo **PtSit2 (IMP) *simul_tot* PtF2 (PRET)**, ora de simultaneidade parcial, apresentando-se neste caso sem limites precisos **PtSit2 (IMP) *simul_part* PtF2 (PRET)**.

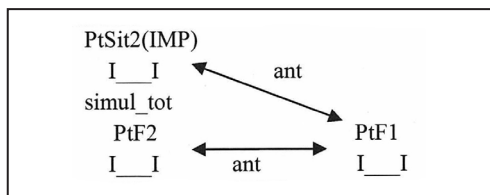
Esquema 6



3.1.1 Relação com PtF1

No primeiro caso (simultaneidade total com PtF2), o PtSit2 assume relativamente a PtF1 a mesma relação que se estabelece entre PtF1 e PtF2: **PtSit2 (IMP) *ant* PtF1 (“PR”)**

Esquema 7



Exemplo:

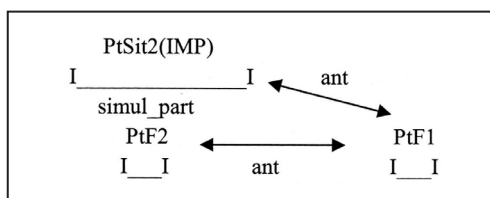
Discurso original: Juro dizer a verdade.

Ele jurou dizer a verdade.

DI: Ele disse que jurava dizer a verdade.

Relativamente ao segundo cenário (simultaneidade parcial com PtF2), não ficando delimitadas as fronteiras do PtSit2, há duas leituras possíveis: ora a situação tem o seu fim num tempo anterior a PtF1 (mas posterior a PtF2), ora assume uma duração que inclui (também) PtF1. No primeiro caso, temos novamente uma relação de anterioridade **PtSit2 (IMP) ant PtF1**.

Esquema 8



Exemplo:

Discurso original: Eu vivo em Baião.

Ele viveu em Baião.

DI: Ele disse que vivia em Baião.

Em qualquer uma destas duas situações desenhadas, e de acordo com o que vimos (cf. *Condição 7*), ficará vedada a possibilidade de

o PtSit2 expressar a relação de localização em relação a PtF1, uma vez que esta diverge da orientação relativamente a PtF2 (é “anterior” e não “simultânea”).

Retomamos um dos exemplos:

Discurso original: Juro dizer a verdade. (“simultaneidade total”)

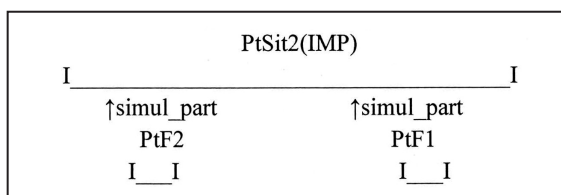
Ele jurou dizer a verdade. (“anterioridade” a PtF1)

DI: Ele disse que jurava dizer a verdade.

*DI: *Ele disse que jurou dizer a verdade.*

No terceiro caso previsto (a situação descrita tem uma duração que inclui, também, o intervalo em que decorre o PtF1), configura-se uma relação de simultaneidade parcial também com o PtF1 (**PtSit2 (IMP) *simul_part* [PtF2 + PtF1]**).

Esquema 9



Continuing applicability: PtF2 (PRET) e PtSit2 (IMP / PR)

Neste último cenário, a relação de simultaneidade funciona quer para PtF2 quer para PtF1, pelo que, de acordo com o que vimos, o PtSit2 pode apresentar-se sob a forma de Presente do Indicativo (PR):

PtSit2 *simul_part* [PtF2 (PRET) + PtF1] » PtSit2 (IMP ou PR)

«Eu vivo em Baião.»

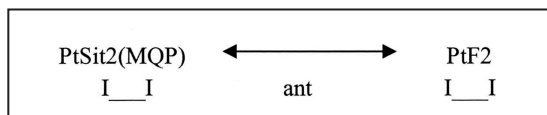
Ele vive em Baião.

DI: Ele disse que vive / vivia em Baião.

3.2 PtF2 (PRET) e PtSit2 (MQP)

O MQP configura uma relação de anterioridade de PtSit2 relativamente ao seu PtRef, que coincide com o PtF2: **PtSit2 (MQP) ant PtF2 (PRET)**.

Esquema 10



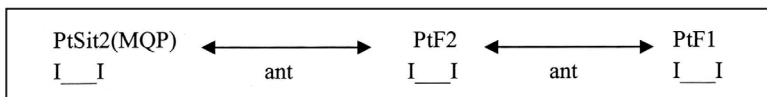
«*Eu vivi em Baião.*»

Ele viveu em Baião.

DI: Ele disse que tinha vivido em Baião.

Neste sentido, a relação com o PtF1 será também de anterioridade (**PtSit2 (MQP) ant PtF1**).

Esquema 11



3.2.1 Continuing applicability: PtF2 (PRET) e PtSit2 (MQP / PRET)

Neste caso, e uma vez que a relação de anterioridade é sempre extensível a PtF1 (“*continuing applicability*”), o PtSit2 pode apresentar-se sob a forma de Pretérito Perfeito do Indicativo (PRET):

PtSit2 ant [PtF2 (PRET) + PtF1] » PtSit2 (MQP ou PRET)

«*Eu vivi em Baião.*»

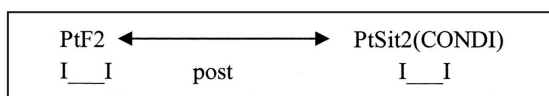
Ele viveu em Baião.

DI: Ele disse que viveu / tinha vivido em Baião.

3.3 PtF2 (PRET) e PtSit2 (CONDI)

Numa das suas configurações temporais típicas,²⁴ que aqui consideraremos, o CONDI (também chamado, nesse sentido, “futuro do passado”) representa os eventos enunciados num tempo posterior ao PtF2: **PtSit2 (CONDI) post PtF2 (PRET)**.

Esquema 12



Neste esquema, o tempo da situação descrita em PtSit2 não se inscreve em nenhum momento específico (duração e distância) a partir do seu PtRef (PtF2), podendo localizar-se ora no tempo que medeia entre PtF2 e PtF1 (como podemos ver no esquema 13), ora num tempo posterior a este último (cf. Esquema 14):

Esquema 13



«Passarei férias em Baião.»

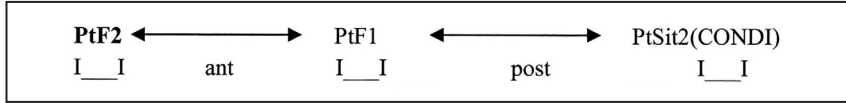
Ele passou férias em Baião.

DI: Ele disse que passaria férias em Baião.

DI: Ele disse que passou férias em Baião. (cf. Condição 7)*

²⁴ Este comportamento semântico-temporal está limitado a contextos em que o ponto de referência seja passado. Esta condição é enunciada em Mateus et alii (2003: 158), da seguinte forma: «Este tempo comporta-se como tal [do título da secção: «O Futuro do Passado/Condicional»] desde que o ponto de perspectiva temporal seja passado.».

Esquema 14



3.3.1 *Continuing applicability*: PtF2 (PRET) e PtSit2 (FUT)

Neste último caso, verifica-se a condição enunciada por Comrie (1986). É, assim, possível o PtSit2 assumir ora uma forma temporal verbal anafórica (*relativa*), ora uma forma temporal verbal deítica (*absoluta*).

PtSit2 *post* [PtF2 (PRET) + PtF1] » PtSit2 (CONDI ou FUT)

«Passarei férias em Baião.»

Ele passará férias em Baião.

DI: Ele disse que passaria / passará férias em Baião.

Conclusão

Neste trabalho, propusemo-nos reequacionar globalmente a questão da (re)construção das relações de tempo(s) no discurso citado, especificamente as relações entre a situação descrita no segmento de discurso reproduzido e os dois atos enunciativos envolvidos (citador e citado). Em particular, procurámos observar os esquemas temporais (verbais) disponíveis para o discurso citado em estilo indireto. Tomámos por referência a regra de sequência de tempos enunciada em Comrie (1986: 284-285).

Nesse sentido, começámos por identificar as condições temporais (verbais) para a ocorrência do fenómeno *discurso citado*. Destacamos as seguintes: (i) obrigatoriedade de expressão da relação temporal (de orientação) entre a situação descrita no discurso reproduzido e o ponto da fala do Enunciador original (*Regra da estabilidade do*

ponto de referência); (ii) possibilidade de expressão (simultânea, não exclusiva) da relação temporal (de orientação) entre a situação descrita no discurso reproduzido e o ponto da fala do Enunciador citador.

Observámos que esta última possibilidade está disponível no discurso indireto, mas apenas para os casos em que a relação temporal com o ponto da fala do Enunciador citador é a mesma que a relação temporal relativamente ao ponto da fala do Enunciador original (*continuing applicability*, Comrie, 1986). Nestes casos, o Enunciador citador pode optar por manter na situação descrita no discurso reproduzido o tempo verbal do discurso original.

Bibliografia citada

- Bosque, Ignacio / Violeta Demonte (1999), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid, Espasa Calpe.
- Brecht, Richard D. (1974), “Deixis in embedded structures”, In *Foundations of Language. International Journal of Language and Philosophy*, vol. 11.
- Comrie, Bernard (1986), “Tense in indirect speech”, in *Folia Linguistica*, tomo XX.
- Duarte, Isabel Margarida (2003), *O Relato de Discurso na Ficção Narrativa: contributos para a análise da construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Grevisse, Maurice (1988), *Le Bon Usage*, Paris-Gembloux, Duculot. [12.^a edição, André Goosse].
- Güldemann, Tom / von Roncador, Manfred (eds.) (2002), *Reported Discourse: A Meeting Ground for Different Linguistic Domains*, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins.
- Janssen, Theo A.J.M. / Wim van der Wurff (eds.) (1996), *Reported Speech. Forms and Functions of the Verb*, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins.
- Landeweerd, Rita / Co Vet (1996), “Tense in (free) indirect discourse in French”, in Janssen / Wurff (eds.), *Reported Speech. Forms and Functions of the Verb*, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins.
- Loureiro, Ana (1997), *Os «tempos simples do indicativo» nos discursos direto e indireto livre n’ O Primo Basílio de Eça de Queirós*, Tese de Mestrado, Coimbra (não publicado).
- Maldonado, Concepción (1991), *Discurso Directo y Discurso Indirecto*, Madrid, Taurus Universitaria.

- Mateus, Maria Helena Mira *et al.* (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho [5.^a edição].
- Oliveira, Fátima / Lopes, Ana (1995), “Tense and Aspect in Portuguese”, in: Thieroff (ed.) (1995), *Tense Systems in European Languages II*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- Peres, João Andrade (1993), «Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese», *Cadernos de Semântica*, 14, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Queirós, Eça de, *O Primo Basílio*, Lisboa, Livros do Brasil.
- Reyes, Graciela (1993), *Los procedimientos de cita: estilo directo y estilo indirecto*, Madrid, Arco Libros.
- (1994), *Los procedimientos de cita: citas encubiertas y ecos*, Madrid, Arco Libros.
- Thieroff, Rolf (ed.) (1995), *Tense Systems in European Languages II*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- Vet, Co / Vetters, Carl (eds.) (1994), *Tense and Aspect in Discourse*, Berlin / New York, Mouton de Gruyter.
- Vetters, Carl (1994) “Free indirect speech in French”, in: Vet / Vetters (eds.), *Tense and Aspect in Discourse*, Berlin / New York, Mouton de Gruyter.